

GRANDES CENAS / MONTAGEM

EPISÓDIO 17: A OSTRAS E O VENTO

[ABERTURA]

[PRÉ-CENA]

- Nem lembro da mãe. É uma coisa perdida, lá atrás. Só lembro da ilha. Da minha ilha. Do cheiro de mato molhado. Do mar. E do vento. Que está sempre perto de mim. Que nunca me abandona. Meu amigo vento.

MATHEUS

"O velho Daniel apanhou o caderno com as mãos trêmulas, olhou para as gaivotas circundando a torre do farol, temeu os catraios de asas escuras descendo dos picos, gritou por Marcela. Marcela, Marcela... E só então sentiu que estava deserta a Ilha dos Afogados. Nem conseguiu ler a página que o vento deixara aberta..." Assim começa "A ostra e o vento", romance escrito por Moacir Lopes, adaptado pro cinema por Walter Lima Jr.

WALTER

O livro conta a história de um cara que volta a uma ilha. E numa, num dia em que o mar tá revoltado, o, o barco tem muita dificuldade de chegar perto da ilha, e afinal quando ele salta, ele vem ali (/) pra resolver uma questão: o farol pagou, ele já trabalhou na ilha, e ele vem ali saber o que tá acontecendo. (/) Bem, um pouco adiante ele descobre (/) um diário. (/) O livro então já estabeleceu um narrador, (/) o velho que chegou na ilha. Depois ele descobre, no diário, que existe um outro narrador, a menina. (/) E o livro vai desenvolvendo então (/) ações referentes ao que narra a menina e ao que ele participa, agora no presente, em dois tempos alternados, às vezes esses tempos se misturam.

WALTER

No meio do livro, mais ou menos, entra um terceiro personagem que a gente não sabe exatamente quem é. (/) Eu li umas duas vezes o livro e de repente descobri que aquele personagem era o Vento. O Vento, (/) como personagem, é uma criação da menina que vive isolada naquele lugar e tá vivendo um processo de... é, loucura, tá se ausentando do mundo real. E ela, tão solitária que é, ela inventa uma pessoa, na, nas, nas possibilidades que o vento lhe oferece: bate na janela dela, fecha a porta, coisas assim. (/) Ela inventa que (/) o vento tem um nome, que chama Saulo.

- Saulo! Saulo!

- Quem é Saulo?

- Saulo! Saulo!

- Marcela, quem é?

- Saulo! Saulo!

WALTER

O autor, a um determinado momento, ele narra que ela está... (/) deitada no chão da ilha (/) e se sentindo parte da ilha. (/) Eu descobri que ela era a ilha. Nessa hora eu descobri uma coisa que eu poderia usar, que ela, a ilha teria a cara dela.

/ Vai a onda

/ Vem a nuvem

/ Cai a folha

/ Quem sopra meu nome?

WALTER

Como se ela fosse uma, uma esfinge.

/ Raia o dia

/ Tem sereno

/ O pai ralha

/ Meu bem trouxe um perfume

WALTER

Eu vi muitas candidatas a esse filme. Eu vi candidatas de São Paulo, vi candidatas no Paraná, vi candidatas no Ceará, que eram os locais onde eu iria filmar, né? (/) Eu cheguei bem perto de uma menina no Ceará que eu achava que tinha muito do personagem. (/) E eu tou nessa situação, (/) no Rio de Janeiro ainda vendo as últimas possibilidades, quando eu olhei pra porta e vi a Leandra escondida atrás da porta. (/) Pra mim me chamou atenção aquela pessoa tímida, parecia um bicho, escondida, entendeu? Eu comecei a achar que era ela, que era o personagem que tava me olhando. (/) Eu comecei a conversar com ela, e ela conhecia o livro de trás pra frente, entendeu? Ela era, sabe, uma bandidazinha! Sabia tudo, ela sabia tudo! Eu fiquei tão emocionado com aquilo, sabe, com aquele encontro, ela tava, ela tava fingindo que não era ela. (/) Eu nem fiz teste com ela. Quando eu acabei de conversar com ela, eu falei assim: "Não, é ela. Não tenho a menor dúvida. Eu não tenho a menor dúvida.

WALTER

E fomos pro Ceará. (/) A primeira coisa que eu achei interessante dela no Ceará é que ela nunca conversou com o Lima Duarte. Ele chegou a pedir pra mim, ele falou assim: "Não dá pra você intervir?" Eu falei assim "Ué, bate um papo com ela. (/) Cê quer que eu vá te apresentar, assim, formalmente, pô?" (/) Só que ele não tinha feito nenhuma cena com ela. No dia que ele fez, ele tomou um susto! Aí veio me dizer, entendeu? (/) Essa garota é (/) meio endiabrada, entendeu, eu senti uma coisa estranha. Ela me odeia? Eu falei assim: "Eu acho que não, né Lima, eu acho que, não, ela não te odeia, qual a razão que ela tem de te odiar? Mas você sentiu a fúria?" "Sim, senti".

- Você é meu pai. Não começa a inventar coisa.

WALTER

Ela não estava a personagem, ela era. Entendeu? (/) Quando eu me dei conta disso, eu... Pô, isso é um presente, né, é um presente. Você ter uma pessoa que é, né, um artista que é. Que não tá se fazendo de, fazendo de conta que seja.

MATHEUS

Todo o filme gira em torno do amadurecimento de Marcela, que vive isolada nessa ilha, sem contato com nenhuma outra mulher. É ela quem cozinha, lava roupa, cuida da casa, mas ainda não entende o que está acontecendo com seu próprio corpo. A cena em que Saulo rouba o lençol do varal, é justamente a que simboliza a sua transformação.

- Saulo, para!

WALTER

Quando a gente fala assim: "uma cena do filme", (/) em geral, a gente sempre vai escolher alguma coisa que tenha uma, uma construção, é, de linguagem, que seja expressiva em relação aos sentimentos dos personagens ou do tema. Né? E eu acho que esse é o maior desafio pra quem faz cinema, né, é... Nesse momento ele usa uma, usa, ele tem uma possibilidade de usar a linguagem como um poeta tem.

MATHEUS

"Agora é um corpo, é o seu, mas a flor é uma flor, pendente de um galho, natureza de flor, e quando tocada por seus dedos parece animada por movimentos próprios, adquire o calor de seu corpo. [Uma folha é menos que uma folha, quando desprendida de uma árvore, mas quando seus dedos acariciam transmitem-lhe o sopro da vida.]"

WALTER

E aí ela começa a ver assim que tem flores que vão se abrindo, e, e movimento de plantas... A ilha tá toda viva em torno dela. Com isso, ele quis significar que ela, ahn, estava se transformando numa mulher, tava tendo a sua primeira menstruação. (/) Eu achei essa cena meio estranha. Entendeu? Eu não vou fazer uma coisa dessas, flores se abrindo... Eu tinha, coincidentemente, eu tinha uma filha (/) bem jovem ainda, tinha o quê, uns treze anos, pra catorze anos. E recentemente tinha tido a sua primeira menstruação. (/) E o que eu pensei foi o seguinte, bem, se eu... quisesse criar (/) uma significância disso, assim, a mais, ahn, simples possível, entendeu? O que que seria? Eu acho que seria como aconteceu com a minha filha, a minha filha se levantou e viu que o lençol tava sujo. (/) Mas ela... Ela conversava com outras mulheres, a menina do filme não. A menina do livro não. Então ela não poderia nem perguntar "o quê que tá acontecendo comigo?"

[TRECHO DO FILME]

WALTER

A cena que precede é uma cena em que ela tá dançando com umas pessoas, e ela tá sendo olhada de uma maneira desejosa. Tem marinheiros que olham pra ela com um olhar meio desejoso. Depois ela é vista dentro de uma gruta, (/) como se fosse um útero, (/) pra depois ela ser vista lá, no tanque, na beira do poço, com o seu lençol.

WALTER

Então eu tinha já alguns elementos: o lençol, a mancha de sangue, a ignorância dela, que me levava a um possível culpado, que era aquele personagem tão enigmático que apareceria.

MATHEUS

Um dos grandes desafios de adaptar um livro pro cinema é encontrar uma forma de traduzir o texto em imagens e sons. O papel aceita tudo. No livro, podemos mergulhar nos sentimentos de um personagem com poucas palavras. Mas como filmar isso? Como filmar um sentimento? Como filmar o vento?

WALTER

Quando eu li 'A ostra e o vento', o livro, (/) uma pessoa me disse assim: "Mas, (/) quem é que vai fazer o papel do Vento?" Eu falei assim: "Olha, você acha que eu vou pedir lá no Teatro Tablado?", que é um, um grupo de teatro aqui do Rio de Janeiro, que, que faz teatro infantil, né? Aí vem um vento com uma capa, assim: "Eu sou o vento..." Tá? Eu falei assim: "Ah, cara, que, que piada é essa, isso não é teatro infantil. Tem... É a câmara, É um movimento, é alguma

coisa, entendeu? O Vento é intangível, eu vou ter que criar através de um movimento, eu não sei ainda como é que eu vou fazer, (/) pô!

WALTER

Ela tá lidando com a, com a roupa, com o lençol, com as roupas dela, tudo. Ela tá num ambiente aberto, o vento tá batendo, o Saulo tá próximo dela. E, e de repente o Saulo arranca o lençol... da corda. E ela sai correndo atrás do lençol. A única coisa que eu precisava, era ter o plano que pra mim era o, era a chave da, da questão: era o Saulo e ela lá embaixo, andando. E eu precisava daquele plano, da, da, do lençol tremulando com ela lá embaixo, pra eu ter essa mágica, essa relação. E isso aí virou um drama pra mim.

WALTER

E aí falei pra um maquinista. (/) Ele falou assim: "Como é que você quer fazer isso?" Eu disse: "Eu quero fazer isso lá na Ilha do Mel." Ele falou: "Ah, vamos tentar aqui". A gente tava num terreno plano, né? Numa praia lá em Jericoacoara. Aí ele colocou um cabo de aço e fizemos. Shiu! Tinha que ter um ponto mais alto onde a câmara descesse depois e a gente pudesse tirá-la dali. (/) Deu certo. Fizemos uma, uma experiência assim. Só que, quando chegou na Ilha do Mel, a Ilha do Mel é "assim"... O Farol tá aqui em cima. Aí então, pra poder fazer esse ponto de apoio onde a câmara fosse e voltasse, pra gente tirá-la, entendeu, ele teria que fazer, fazer uma torre tão ou mais alta que o cume do, do, da ilha. (/) E ele fez uma torre, (/) que era uma coisa totalmente torta, entendeu? Toda puxada com cabo, né, fincado no chão, cabo de aço, entendeu? E, e ele no dia que ele foi me mostrar, ele, ele teve uma semana pra fazer isso. Porque eu falei: "Tá legal, eu, eu vou me privar de ter você na filmagem, você vai lá, faz". E... e ele, no dia em que ele me chamou ele saiu se pendurando que nem um macaco pra me mostrar que aquilo ali tava seguro, e tudo, e nós fizemos a cena assim, né?

WALTER

Isso é um exemplo de decupagem. A decupagem é uma, é uma forma de expressão poética, lidando com elementos, ahn, da narrativa, da, da linguagem do cinema, que possa expressar um sentimento do personagem ou da situação que o personagem tá vivendo. Então ela é, ela é... Eu, eu precisava falar de, de coisas a resp, primeiro da inocência do personagem, de que ele não tem o menor conhecimento daquilo que tá acontecendo com ele, de como ele fantasia aquilo. Por isso o lençol, entendeu? Tudo aquilo dizia respeito ao sentimento do personagem, eu não, eu não, eu não podia trair esse sentimento do personagem. Eu me coloquei muito na pele daquele, daquele personagem totalmente ignorante do que tá acontecendo com ela.

WALTER

Primeiro ela fica tonta, ela cai na praia e o lençol vem e se deita sobre ela. E aí a gente vê a mancha de sangue surgindo. A figurinista falou assim: "Walter, você tá muito enganado, o sangue vai pra baixo, o sangue jamais vai pra cima." Eu falei assim: "Oh, cara, deixa de ser louca, quem a, quem aceitou isso até agora, não tá nem aí pra se o sangue vai pra cima ou vai

pra baixo". Porque isso já é uma coisa tão fantasiosa, pô! E eu, e, e eu, e eu acho que passou. Tanto que depois que ela viu ela veio me dizer "Não, não, tá tudo certo, eu aceitei tudo."

[CENA]

- Saulo, para!

- Foi você, Saulo! Foi você! Você tá querendo me matar? Foi você!